

O Livro dos Médiuns (Trad. Herculano Pires) - **2ª parte: Das manifestações espíritas**
Cap. XXIX. Reuniões e Sociedades - Reuniões em geral

324. As reuniões espíritas (...) permitem o esclarecimento pela permuta de pensamentos, pelas perguntas e observações (...), de que todos podem aproveitar-se. Mas, para se obterem resultados desejáveis, requerem condições especiais que vamos examinar, porque seria errôneo tratá-las como as das sociedades comuns. Aliás, constituindo-se as reuniões em verdadeiros todos coletivos, o que a elas concerne é (...) tomar as mesmas precauções e preservar-se das mesmas dificuldades referentes aos indivíduos. (...) As reuniões espíritas diferem muito quanto às suas características, segundo os seus propósitos. E por isso mesmo a sua constituição deve também diferir. Segundo sua natureza elas podem ser *frívolas*, *experimentais* ou *instrutivas*.

325. As reuniões *frívolas* constituem-se de pessoas que só se interessam pelo (...) passatempo (...) através das manifestações de Espíritos levianos, que gostam de se divertir (...). São nessas reuniões que se costumam pedir as coisas mais banais, (...) a predição do futuro, (...) adivinhar a idade das pessoas, o que elas trazem nos bolsos, revelar pequenos segredos (...).

Espíritos elevados não podem comparecer a reuniões dessa espécie, em que as pessoas presentes são tão inconsequentes como as entidades (...).

326. As reuniões *experimentais* têm mais particularmente por finalidade a produção de manifestações físicas. Para muitas pessoas representam um espetáculo mais curioso do que instrutivo. Os incrédulos saem delas mais espantados do que convencidos, quando não tenham visto outra coisa, e se voltam inteiramente para a procura de possíveis artifícios, porquanto, nada entendendo do que viram, supõem naturalmente a existência de truques.

Acontece inteiramente o contrário com os que estudaram o assunto. Estes



compreendem de antemão a possibilidade das ocorrências, e os fatos positivos determinam assim a consolidação de suas convicções. Por outro lado, se houvesse truques, eles estariam em condições de descobri-los.

Apesar disso, essas espécies de experimentação têm uma utilidade que ninguém poderia negar, pois (...) levaram à descoberta das leis que regem o mundo invisível, e para muitas pessoas são

ainda um poderoso motivo de convicção. Mas (...) não são suficientes para iniciar alguém na Ciência espírita, pois o simples fato de ver um mecanismo engenhoso não pode dar o conhecimento da mecânica para quem não esteja informado das suas leis. Contudo, se essas experiências fossem dirigidas com método e prudência, poderiam obter-se resultados bem melhores. (...)

327. As reuniões *instrutivas* têm características inteiramente diversas, (...) nelas que podemos obter o verdadeiro ensinamento (...). A primeira de todas (as condições em que se deve realizar) é a de manterem a seriedade (...). É necessário que todos estejam convencidos de que os Espíritos a que desejam dirigir-se pertencem a uma natureza especial; que o sublime, não podendo se misturar ao banal, nem o bem com o mal, se desejamos obter bons resultados, é necessário nos dirigirmos aos Espíritos bons. (...) Ora, os Espíritos superiores não comparecem às reuniões de homens (...) superficiais, como não compareceriam quando (...) encarnados.

Uma sociedade não é verdadeiramente séria se não se ocupar de assuntos úteis (...). Se ela deseja obter fenômenos extraordinários por curiosidade ou passatempo, os Espíritos que os produzem poderão comparecer, mas os outros se afastarão. (...) (C)onforme o caráter da reunião, ela sempre encontrará Espíritos dispostos a atender às suas tendências.

Uma reunião séria afasta-se da sua finalidade se troca o ensinamento pelo divertimento. As manifestações físicas têm a sua utilidade (...). Aqueles que desejam ver devem participar de reuniões experimentais, e os que desejam compreender devem dirigir-se a reuniões de estudos. É assim que uns e outros poderão completar a sua instrução espírita, como n(a)(...)medicina uns vão aos cursos e outros à clínica.

328. A instrução espírita não compreende somente o ensino moral (...), mas também o estudo dos fatos. Abrange a teoria dos fenômenos, a pesquisa das causas, e como consequência a constatação do que é possível e do que não é (...). Seria errôneo acreditar que os fatos estejam limitados aos fenômenos extraordinários; que os que tocam principalmente os sentidos sejam os únicos dignos de atenção. Encontram-se a cada passo fatos importantes nas comunicações inteligentes, que as pessoas reunidas para o estudo não poderiam negligenciar. Esses fatos, que seria impossível enumerar, surgem de numerosas circunstâncias fortuitas. Embora menos gritantes, não são de menor interesse para o observador que neles encontra a confirmação de um princípio conhecido ou a revelação de um novo princípio, que o leva a penetrar mais fundo nos mistérios do mundo invisível. Nisso há também filosofia.

329. As reuniões de estudo são ainda de grande utilidade para os médiuns de manifestações inteligentes, sobretudo para os que desejam (...) aperfeiçoar-se (...). Uma das grandes dificuldades da prática mediúnica (...) encontra-se na obsessão e na fascinação. Eles poderiam, pois, iludir-se de muito boa-fé quanto ao mérito das comunicações obtidas. Compreende-se que os Espíritos enganadores encontram caminho aberto quando lidam com a pessoa ignorante do assunto. É por isso que procuram afastar o médium de todo o controle, chegando mesmo (...) a fazê-lo tomar aversão a quem quer que possa esclarecê-lo. Graças ao isolamento e à fascinação, podem facilmente levá-lo a aceitar tudo o que quiserem (...): aí está não somente uma dificuldade, mas um perigo. (...) O único meio de escapar a ele é submeter-se (...) ao controle de pessoas desinteressadas (...) que, julgando as comunicações

com frieza e imparcialidade, possam abrir-lhe os olhos e levá-lo a perceber o que não pode ver por si mesmo. Ora, todo médium que teme esse julgamento já se encontra no caminho da obsessão. (...) Se leva a mal as observações e as repele, irritando-se com elas, não há dúvida quanto à natureza má do Espírito que o assiste. Já dissemos que um médium pode carecer dos conhecimentos necessários para compreender os erros, que pode se deixar enganar pelas palavras bonitas (...), deixando-se seduzir pelos sofismas, tudo isso na maior boa-fé. Eis por que, na falta de suas próprias luzes, deve modestamente recorrer às luzes dos outros (...). É (...) que as reuniões são de grande utilidade para o médium, se ele for bastante sensato para ouvir os conselhos, porque nelas se encontram pessoas mais esclarecidas (...), capazes de perceber os matizes (...) pelos quais o Espírito revela a sua inferioridade. Todo médium que (...) não queira se transformar em instrumento da mentira deve procurar produzir nas reuniões sérias, levando para elas o que tiver obtido em particular. Deve aceitar com reconhecimento, e (...) solicitar o exame crítico das comunicações. Se estiver assediado por Espíritos enganadores, será esse o meio mais seguro de se livrar deles, provando-lhes que não o podem enganar. Aliás, o médium que se irrita com a crítica, tanto menos razão tem para isso quanto o seu amor-próprio não estiver envolvido (...), pois, se o que escreve não é dele, ao ler a má comunicação a sua responsabilidade é semelhante à de quem lesse (...) um mau poeta. (...) (S)e é ele um tropeço para os médiuns, também o é para as reuniões, que não devem confiar (...) em todos os intérpretes dos Espíritos. O concurso de qualquer médium obsedado ou fascinado lhes seria mais prejudicial do que útil. (...)

330. O que uma reunião séria deve se propor como objetivo é livrar-se dos Espíritos mentirosos. Ela estaria em erro ao considerar-se livre deles tão somente pela sua finalidade e pela qualidade dos seus médiuns. Só o conseguirá quando houver criado para si mesma as condições favoráveis. (...) É necessário representar cada indivíduo como cercado por um certo número de companheiros invisíveis que se identificam com o seu caráter, (...) gostos e (...) tendências. Assim, (...) leva consigo os Espíritos que lhe são simpáticos. Segundo o seu número e a sua natureza, esses companheiros podem exercer sobre a reunião e sobre as comunicações uma influência boa ou má. Uma reunião perfeita seria aquela em que todos os membros, animados do mesmo amor pelo bem, só levassem consigo Espíritos bons. Na falta da perfeição, a melhor reunião será aquela em que o bem supere o mal. (...)

331. Uma reunião é um ser coletivo cujas qualidades e propriedades são a soma de todas as dos seus membros, formando uma espécie de feixe. (...) Se os pensamentos forem divergentes, provocam um entrelaço de ideias desagradável para o Espírito e portanto prejudicial à manifestação. (...) Se simplesmente se quer obter quaisquer comunicações, não se importando com a qualidade, é evidente que todas essas precauções não são necessárias. Mas então não se deve lamentar a qualidade do produto.

332. A concentração e a comunhão de pensamentos sendo as condições necessárias de toda reunião séria, compreende-se que o grande número de assistentes é uma das causas mais contrárias à homogeneidade. Não há (...) nenhum limite absoluto para esse número. Compreende-se que cem pessoas, suficientemente concentradas e atentas, estarão em melhores condições do que dez pessoas distraídas e barulhentas. Mas (...) quanto maior o número, mais dificilmente se preenchem essas condições. (...)

333. Outra exigência não menos necessária é a da regularidade das sessões. Em todas sempre encontramos Espíritos que poderíamos chamar de frequentadores habituais, mas não nos referimos a esses Espíritos que estão por toda parte (...). Falamos dos Espíritos protetores ou dos que são mais frequentemente evocados. (...) Eles têm as suas ocupações e podem às vezes encontrar-se em condições desfavoráveis à evocação. Quando as reuniões se realizam em dias e horas fixos, eles se colocam à disposição nesses momentos e raramente faltam. (...)

Mas acentuemos que, embora os Espíritos prefiram a regularidade, os verdadeiramente superiores não são tão meticulosos. A exigência de rigorosa pontualidade é sinal de inferioridade (...). Mesmo fora das horas marcadas eles podem comparecer, e (...) comparecem espontaneamente quando a finalidade é útil. Nada, entretanto, é mais prejudicial à recepção de boas comunicações do que evocá-los a torto e a direito, (...) sem um motivo sério. (...) E é sobretudo nessas ocasiões que outros podem tomar-lhes o lugar e o nome.

Revista espírita - Ano XI - Novembro de 1868 - A melhor propaganda

Se há poucos médiuns esta noite, não é que falem Espíritos (...). Uns são habituais, que vêm instruir-vos ou instruir-se, outros, em grande número, são recém-vindos para vós. Vieram sem carta de entrada, é verdade, mas com o consentimento e o convite dos Espíritos habituais. Muitos (...) sentem-se felizes por assistir à sessão e o são sobretudo por ver aqui vários espíritas, que eles amam e dirigem, e que tiveram o pensamento de vir entre vós.

Há muitos espíritas no mundo, mas seu grau de instrução sobre a Doutrina está longe de ser suficiente para que se classifiquem entre os espíritas esclarecidos. Sem dúvida têm luzes, mas lhes falta a prática, ou, se praticam, necessitam ser assistidos, a fim de trazer, nos *esforços* que tentam, mais persuasão e menos entusiasmo. Quando falo de prática do Espiritismo, quero dizer a parte que concerne à *propaganda*. (...) (P)ara essa parte (...) é preciso (...) estar bem penetrado da filosofia do Espiritismo e também de sua parte moral. A parte moral é fácil de conhecer; para isto exige pouco esforço; em compensação, é a mais difícil de praticar, porque só o *exemplo pode fazer bem compreendê-la*. Fareis melhor compreender a virtude dando exemplo do que a definindo. Ser virtuoso é fazer compreender e amar a virtude. Nada há a responder àquele que faz o que aconselha os outros a fazer. (...)

A parte filosófica apresenta mais dificuldades para ser compreendida e (...) requer mais esforços (...). É útil que não se extasiem com os fenômenos materiais (...). Explicações concisas, exemplos bem escolhidos, adaptando-se bem à questão que se discute, eis tudo o que é preciso. Mas, repito, para ser conciso, (...) para dar exemplos ou explicações bem apropriados ao assunto é necessário conhecer a fundo a filosofia do Espiritismo. (...) Se conhecerdes bem (...), certamente tereis a felicidade de trazer muitos dos vossos irmãos a essa crença tão consoladora, e muitos dos que creem serão postos no verdadeiro terreno: o do amor e da caridade. Assim, pois, meus amigos, aqueles dentre vós que desejarem (...) chamar ao banquete de consolação que o Espiritismo oferece a todos (...), devem moralmente praticar o Espiritismo praticando a sua moral, e intelectualmente espalhando em seu redor as luzes que colheram (...). Pois bem! meus caros amigos, em nome de vossa felicidade, de vossa tranquilidade, em nome da união e da caridade, eu vos exorto a *querer*. Um Espírito.

Obs.: A PARTIR DAQUI LEITURA OPCIONAL.

No início dos trabalhos psíquicos, presididos por Catarino Boaventura, surgiu certa entidade (...) trazendo cooperação interessante (...). Fez-se conhecer pelo nome de Aquiles (...). No entanto, (...) criou um vasto ambiente de simpatia, não pela cultura notável, mas pelo préstimo ativo que demonstrava. Impressionado o grupo, em vista das intervenções espetaculares, não houve mais ensejo para o estudo metódico da Doutrina. Debalde o verdadeiro orientador espiritual exortou os companheiros, no sentido de renovarem sentimentos à luz do Evangelho (...). Em vão movimentou-se o mentor dedicado, provocando a vinda de irmãos esclarecidos (...). A assembleia não se interessava pelos aspectos elevados (...). Livros edificantes, jornais bem orientados, revistas educativas, eram relegados a plano secundário (...).

A entidade prestativa não disseminava maus conselhos, nem menosprezava os princípios nobres da vida; contudo, *subtraía aos amigos invigilantes a oportunidade de caminharem por si mesmos*. Participava de todos os negócios materiais dos companheiros. Opinava em casos particulares e problemas íntimos. (...) Via-se, porém, que Catarino Boaventura assumira grande responsabilidade na situação algo confusa, porquanto, na qualidade de orientador encarnado, perdia-se (...) em questões e perguntas ociosas.

Os legítimos instrutores, em semelhante regime de leviandade doentia, aliada a forte preguiça mental, afastaram-se (...) pouco a pouco. E Aquiles (...), espécie de criadito diligente e humilde, continuou prestante aos trabalhos de qualquer natureza. Fortemente ligado a Catarino, por vigorosos laços magnéticos, não se sabia qual dos dois era mais leviano, *no capítulo sagrado da responsabilidade individual*.

Na residência dos Boaventuras, não se tentava solução de problema algum sem audiência do colaborador invisível (...): — Meu irmão, que nos diz relativamente ao meu projeto de sociedade comercial com o Moraes e Silva?

— Referes-te ao projeto da fábrica de doces? — Indagava o Espírito, demonstrando bondade fraternal. (...) Estudarei detidamente o assunto.

Daí a minutos, regressava Aquiles informando: — É inconveniente o negócio. Moraes e Silva não é homem de boas intenções. Não possui capital suficiente e pretende lançar empréstimo fraudulento em casa bancária. (...)

Catarino não fazia valer as razões nobres da vida, que mandam *alijar intrigas e esclarecer intrigantes*, no mecanismo das relações usuais, e, olhos vivazes, agradecia (...). No dia imediato, desfaziam-se os projetos, sem motivos justos. O quadro das oportunidades de trabalho surgia diariamente, mas o comunicante, instado pelo companheiro, *destacava sempre as dificuldades e impedimentos*. Se observava pessoas, comentava-lhes os defeitos; se examinava situações, expunha as zonas vulneráveis. (...) O menor problema era considerado com esse critério de relevo à sombra, *com esquecimento das probabilidades de luz*. Enquanto passava o tempo, cresciam as demonstrações de preguiça mental. Aquiles parecia alimentar-se dos fluidos magnéticos de Catarino, e este, a seu turno, revelava-se cada vez mais dependente do companheiro espiritual. E tão enredada ficou a família Boaventura, no temor (...), que o dono da casa foi compelido a colocar-se em modesta condição (...), para que não faltasse o pão cotidiano. Toda noite, porém, reunia-se o grupinho, reincidindo o dirigente da sessão nas perguntas invariáveis. (...)

Mas, com o correr inflexível do tempo, Catarino Boaventura acabou entregando o corpo à terra. Qual não foi, porém, a surpresa que teve, quando, ao entrar em contato direto com o Plano espiritual, divisou lado a lado o comunicante das sessões terrestres! Uma figura comum, sem qualquer expressão notável que o tornasse digno de veneração. O antigo diretor da reunião estava perplexo. Na cegueira espiritual em que se envolvera no mundo, presumia no amigo obediente qualidades excepcionais de condutor. Aquiles, todavia, aproximou-se humildemente e perguntou: — Ainda bem que te encontro, meu velho amigo! Quais são as tuas ordens, agora?

— Ordens? — Indagou Catarino, aterrado, — pois não és nosso guia e orientador?

— Não tanto assim, — explicou o interpelado, — designaram-me para cooperar em tuas atividades na Terra e, desde então, trabalhando exclusivamente a teu mando, não tenho outra preocupação senão obedecer-te. (...) Fui ajudar-te, comprometendo-me a não cessar o intercâmbio com esse amigo generoso que me acolheu e proporcionou trabalho nas tuas reuniões, — esclareceu o cooperador humilde, — no entanto, davas-me tantas preocupações e tantos encargos sobre pessoas, negócios, vilas e bairros diferentes, que, quando

tentei receber novas instruções, não mais achei o caminho. Sentindo-me só, tratei de unir-me mais e mais contigo e acreditei dever esperar-te, já que me prendeste tanto em tua própria senda.

Catarino experimentou a surpresa angustiosa de quem encontra o fundo do abismo. Somente aí, compreendeu que os ignorantes não permanecem exclusivamente na Terra e que o pobre Aquiles não passava de servo confiante da indolência que lhe assinalara a última experiência terrestre. Movimentando-se tardiamente, inclinou o companheiro a meditar na gravidade da situação e, à maneira de bandeirantes da sombra, puseram-se a caminho, das trevas para a luz. A jornada penosa realizava-se à custa de lágrimas e desenganos. *Quanto tempo durou a procura de uma voz abençoada que lhes ensinasse a saída do labirinto imprevisto? Não poderiam responder.* Chegou, todavia, o momento em que Boaventura sentiu a presença de generoso amigo (...). Bradou o reconhecimento que lhe vibrava no coração, quis ajoelhar, oscular os pés do mensageiro que lhes vinha ao encontro. Não pôde, contudo, fixar o emissário, mas a voz que os cercava ergueu-se brandamente e falou com emoção:

— Catarino, Jesus não desampara nunca os que se propõem firmemente à retificação. (...) Como pudeste acreditar que Deus ligasse a Esfera visível à invisível, na Terra, *tão só para subtrair o homem aos problemas e labores necessários? Cada dia, no mundo, levava-te ao coração abundante celeiro de oportunidades que nunca soubeste aproveitar.* Aprendeste que os desencarnados são igualmente trabalhadores e nem sempre são missionários iluminados (...). Quando a Providência permitiu que se encontrassem os irmãos de uma e outra Esfera, não foi para estabelecer inércia e sim desenvolver(...) a cooperação, a fraternidade e o espírito de serviço. Uns e outros são portadores de necessidades e problemas próprios, que *a diligência e o amor recíprocos podem resolver.* Entretanto, transformaste o pobre Aquiles em muleta dos teus aleijões mentais. Fugiste aos problemas, abandonaste o trabalho, *renunciaste às possibilidades* que o Senhor do Universo depositou em teus caminhos!...

(...) Boaventura implorou (...): — Dai-me um guia por amor de Deus!...

— Um guia? — (...) para quê? De que modo caminharás neste plano, se não quiseste aprender a caminhar nas estradas do Globo? Não posso atender-te agora ao desejo; todavia, Jesus não te deixará ao desamparo... Vamos, segue-me! Regressarás à Terra para aprender que desencarnados e encarnados têm realizações que precisam efetuar conjuntamente. Não desdenhes o desenvolvimento das faculdades próprias! Vamos, Catarino, e não esqueças nunca que *a dificuldade, a luta, o obstáculo e o sofrimento são guias preciosos que ninguém poderá dispensar na marcha para Deus.*

E Boaventura de mãos dadas com Aquiles perplexo, seguiu, (...) a grande luz que rompia as sombras, voltando ao mesmo lugar donde viera, a fim de recomeçar a lição da vida. Reportagens de Além-túmulo - Humberto de Campos - 17. A experiência de Catarino